

Estética negra em produções da literatura infantil brasileira

Black aesthetics in brazilian children's literature productions

La estética negra em las producciones de literatura infantil brasile

Jiselda Meirielly de França¹

Resumo

Este trabalho almeja analisar a representação da estética negra nas produções da literatura infantil brasileira, como: “As Tranças de Bintou” (2004), de Sylviane A. Diouf, “O Cabelo de Lelé” (2007), de Valéria Belém e “Betina” (2009), de Nilma Lino Gomes. Com a intenção de atingir os objetivos específicos: mapear as imagens atribuídas aos personagens negros nas Literaturas infantis citadas; identificar os discursos atribuídos aos personagens negros/as nas obras em análise; e discorrer em que medida as obras analisadas apontam para um discurso de fortalecimento e ressignificação na literatura infantil com relação à identidade ético-racial. A metodologia trata-se de uma pesquisa qualitativa que teve como base a luz da crítica literária em consonância com os teóricos. Com base na análise percebeu-se uma representação positiva da população negra contribuindo para os propósitos da Lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais. Assim, conclui-se que as respectivas obras literárias contribui para ressignificação da população negra.

Palavras-chave: Literatura infantil; Personagem negro; Identidade étnico-racial.

Abstract

This work aims to analyze the representation of black aesthetics in Brazilian children's literature productions, such as: “As Tranças de Bintou” (2004), by Sylviane A. Diouf, “O Cabelo de Lelé” (2007), by Valéria Belém and “Betina” (2009), by Nilma Lino Gomes. With the intention of achieving the specific objectives: map the images attributed to black characters in the cited children's literature; Identify the discourses attributed to black characters in the works under analysis; and discuss the extent to which the analyzed works point to a discourse of strengthening and resignification in children's literature in relation to ethical-racial identity. The methodology is a qualitative research that was based on the light of literary criticism in line with theorists Based on the analysis, a positive representation of the black population was perceived, contributing to the purposes of Law 10.639/03 and the National Curriculum Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations. In conclusion, it is concluded that the respective literary works contribute to the re-signification of the black population.

Keywords: Children's literature; black character; Ethnic-racial identity.

¹ Universidade Federal de Sergipe – UFS. Aracajú/SE, Brasil. E-mail: jiseldameirielly.98@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6716-3691>

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar la representación de la estética negra em las producciones de la literatura infantil brasileña, como: “As Tranças de Bintou” (2004), de Sylviane A. Diouf, "O Cabelo de Lelê" (2007), de Valéria Belém e “Betina” (2009), de Nilma Lino Gomes, com la intención de lograr objetivos específicos: mapear las imágenes atribuidas a personajes negros em la citada Literatura Infantil; identificar los discursos atribuidos a personajes negros em las obras análisis; discutir em qué medida las obras analizadas apuntan a um discurso de fortalecimiento y resignificación em la literatura infantil em relación a la identidad étnico-racial. Lá metodología es una investigación cualitativa basada em la luz de la crítica literária em línea com los teóricos. Del análisis se percibió una representación positiva de la población negra, contribuyendo a los propósitos de la ley 10.639/03 y de las Directrices Curriculares Nacionales para la Educación de las Relaciones Étnico-Raciales, por lo que se concluye que las respectivas obras literárias contribuyen a la resignificaciín de la población negra.

Palabras clave: Literatura infantil; Carácter negro; Identidad étnico-racial.

Introdução

A diversidade está em discussão pelas autoridades educacionais e pela sociedade. No atual contexto educacional, a transversalidade de temas voltados às dimensões da diversidade é uma proposta que implica um processo de estreita inter-relação entre os componentes curriculares. Encontra, por outro lado, dificuldade de aplicabilidade diante da vivência pedagógica da maioria das instituições escolares do país.

Entende-se que a escola tem a missão de preparar os estudantes para o futuro. Entretanto, o que se observa é que as metodologias/pedagogias utilizadas no campo da educação particularmente no ensino fundamental, apresentam diversas lacunas, o que nos permite a busca por novas metodologias de ensino como recursos fundamentais na resposta às especificidades da diversidade humana, eficazes na criação de ambientes de aprendizagem. Dessa forma, é de suma importância que questões como esta sejam abordadas, principalmente, no âmbito escolar por ser um ambiente de discussão, aprendizagem, saber e conhecimento. Tal iniciativa é uma tentativa de desconstruir toda, e qualquer ideia ou conceito pré-concebido que permeia o imaginário social a respeito da questão racial brasileira e de nossas matrizes culturais africanas.

Este estudo apresenta algumas discussões acerca da Representação da Estética Negra em algumas Produções da Literatura Infantil Brasileiras, em três obras: “As Tranças de

Bintou” (2004), de Sylviane A. Diouf, "O Cabelo de Lelê” (2007), de Valéria Belém e “Betina” (2009), de Nilma Lino Gomes. O estudo tem como objetivo principal analisar a representação da estética negra em algumas produções da literatura infantil brasileiras. Desta forma, pretende-se analisar as imagens e os discursos dos e sobre a personagem negra nas obras que trazem alguma referência à estética e aos repertórios afro-brasileiros, repertórios aqui entendidos como elementos de matrizes africanas referentes às identidades e/ou aos diversos elementos culturais e referenciais dessas matrizes.

Com isso, para a seleção dessas obras infantis foi necessário delimitar um determinado período posterior à publicação da Lei 10.639/2003, que atribui a todas as áreas do conhecimento a responsabilidade da inclusão da história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, especialmente nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História Brasileira (BRASIL, 2003). Além da reduzida quantidade de material relacionado aos personagens negros na Literatura infantil que abordem uma representação do ser negro e do fortalecimento desta identidade a partir do cabelo. Mediante essa seleção pretende-se perceber como as narrativas literárias destinadas ao público infantil abordaram /abordam a questão etnicorracial a partir dos anos delimitado.

Neste trabalho qualitativo foi necessário inserir textos relevantes para o aprofundamento/entendimento do contexto em que a Literatura infantil surgiu no Brasil, o aparecimento tardio dos/as personagens negros/as e atrelado a isso uma imagem estereotipada/estigmatizada que permeou por muito tempo as obras literárias brasileiras direcionadas ao público infantil, além de provocar discussão/reflexão a cerca dessa temática.

Assim, a partir da análise das obras Literárias infantis com base na crítica literária percebeu-se que: “As Tranças de Bintou” possui um discurso que contempla os traços da cultura negra de forma positiva, no sentido de reafirmar o fenótipo negro, e contempla o leitor a cultivar o respeito às relações raciais ao expor um ambiente da cultura africana. "O Cabelo de Lelê” transporta o leitor para um discurso de valorização da etnia negra através do cabelo, de certa forma a autora ressalta que as diferenças favorecem a construção/enriquecimento cultural e identitário da sociedade. E quanto à obra “Betina” a autora remete a visualizar um símbolo relevante para a identidade negra: a cor da pele e em especial o cabelo, aspecto alvo de discriminação, mas, no livro traz o fortalecimento deste símbolo.

Revisão de literatura ou fundamentação teórica

Nesse estudo bibliográfico foi necessário ressaltar a perspectiva das origens da Literatura infantil a partir da concepção de Nelly Coelho (1983; 1988) através do livro *Dicionário da Literatura Infantil/juvenil*, que amplia a análise/estudo literário nessa linha de pesquisa, e mostra a relação entre Literatura, História e Educação. No que remete ao livro *Panorama Histórico da Literatura Infantil e Juvenil* (1988) a mesma apresenta todo caminho histórico da criação para crianças e jovens daquela época, as narrativas primordiais, das origens Indo-europeias da Literatura Ocidental ao Brasil Contemporâneo. Esses livros foram significativos para desenvolver este trabalho de cunho investigativo e esclarecedor.

Ainda no desenvolvimento do estudo foi necessário o panorama dos cânones da literatura infanto-juvenil (Monteiro Lobato) sobre o viés de alguns autores, a exemplo de Oliveira (2001; 2003). Para ajudar no desenvolvimento desse estudo, foram utilizados também referenciais teóricos da literatura que fazem uma abordagem crítica, tais como: Coelho (1983; 1988, 1984; 2000); Munanga (1996); Rosemberg (1985, 1979); Sousa (2001 e 2002); Souza (2006) e Schwarcz (1993); Gomes (2000) entre outros, que se farão presentes no decorrer do estudo. O trabalho utiliza perspectiva da educação quanto a Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) no sentido de torná-lo enriquecedor com os/as autores/as Andrade (2001) que aborda o racismo e antirracismo na literatura infanto-juvenil, além de Hall (1999) com algumas discussões/reflexões sobre identidades.

Diversidade e diferença

1. Identidade, representação e diferença: algumas tensões

Este tópico aborda de forma inicial, concepções e os significados atribuídos a alguns termos como diversidade e diferença nos discursos que envolvem o ambiente educacional no estudo sobre as representações de educadores/as acerca da diversidade sexual que influenciam a (des)construção de atitudes preconceituosas e discriminatórias que são manifestadas na instituição escolar e ocasionam diversos outros tipos de na sociedade.

Pensando no espaço da escola uma das formas para lutar a favor da igualdade/aceitação a partir das diferenças, ou seja, da alteridade é através de muitas iniciativas na luta, tais como a militância dos movimentos sociais, as ações governamentais e

as políticas públicas que buscam construir institucionalmente uma igualdade em meio à diferença, como uma forma de dar oportunidade aos grupos que por muitos anos foram excluídos da população brasileira.

As indagações desenvolvidas neste estudo são frutos de nosso questionamento e fazem parte de um esforço que fazemos para entender os discursos que norteiam essas temáticas. Nesse sentido, este tópico visa identificar, por meio de uma revisão bibliográfica, o panorama da produção acadêmica nacional pertinente aos temas diversidade e diferença no espaço educacional, à luz da Teoria das Representações Sociais.

Diante desta perspectiva, trabalhar em prol do respeito e da convivência harmônica das diferenças ajudam aos estudantes de uma forma geral, e em especial à criança que está no processo de aquisição do ensino/linguagem, a não discriminar e sim aceitar o outro. Desta forma, por meio de uma boa intervenção pedagógica os/as docentes poderão trabalhar a identidade de gênero, étnico-racial ou outros marcadores de diferença sociais a partir da valorização da autoestima, na tentativa de reverter os valores preconceituosos inseridos por determinados meios de comunicação, ou até mesmo dos pais.

Mediante ao que foi exposto é relevante ressaltar que segundo Morin (1973), a diversidade e a variedade de indivíduos sempre existiram. É um fenômeno natural, estabelecido pela evolução de uma espécie sobre a outra, por meio do qual a sociedade se alimenta e cria e recria seus estatutos, modelos e escalões e, até, as classes sociais, em que as hierarquias se estabelecem.

Entende-se que a sociedade organiza seus papéis sociais e determina os que irão pertencer a determinada camada social e os irão ser excluídos dela. Para que isso aconteça, demarca os desviantes, os estranhos, os diferentes e os marginais, ou seja, todos os que precisam ser marcados por seu selo. A diferença ganha inúmeros significados, cada um de acordo com as relações de poder presentes na situação, razão pela qual é necessário nomeá-la e categorizá-la, pois, só assim, podemos inclui-la numa perspectiva do aceitável. É relevante dizer que, ao categorizar objetos ou pessoas, imputamos rótulos e identidades não usuais ou não familiares, que fazem aflorar ações estigmatizantes e excludentes (RANGEL, 2011).

Falar da diferença nos leva a pensar no sentido que podemos dar a esse termo pela via da desigualdade, em que a diferença pode ser atribuída à distribuição desigual de recursos na sociedade. Por outra via, podemos estudar a diferença em um contexto particular, que envolve categorias específicas, como gênero, raça/etnia, orientação sexual, religião, deficiência, entre outras. Em uma terceira via, busca-se explicar a diferença a partir de concepções teóricas. Independentemente da escolha, todas convergem para um problema que se manifesta no contexto da sociedade.

2. Literatura Infantil

A literatura infantil é relevante na educação inicial, pois é através dela que a criança desperta/exercita o imaginário e aprende com o contato oral das histórias infantis a descobrir/compreender o mundo. Assim, essa literatura voltada para o público infantil é considerada indispensável para a etapa da alfabetização, na qual as crianças estão vivendo a fase de aquisição de leitura e escrita. De acordo com Aguiar (1989):

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filhos), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos. A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitir à criança a idéia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo. (AGUIAR, 1989, p.120).

Diante dessa premissa, percebemos que é relevante que a escola insira na prática pedagógica uma Literatura Infantil que contemple nossa cultura e matrizes africanas. No entanto, o docente deve estar atento em trabalhar com esse recurso didático (livro infantil) em sala de aula sem criar estereótipos, estigmatizar, ou até mesmo invisibilizar determinada etnia e cultura (como acontece com os negros). A escolha de um suporte pedagógico adequado contribui muito para prática educativa capaz de desmistificar pré-conceitos que permeiam o imaginário social a respeito da questão étnico-racial brasileira e de nossas matrizes africanas, torna-se relevante o estudo da literatura como fonte dessa representação identitária no contexto da diversidade étnico-racial brasileira.

Desta forma, são relevantes as afirmativas das autoras Flúvia Rosemberg e Nelly Coelho, citadas abaixo:

O livro infanto-juvenil ensina e ensina muito. A sua postura aberta e declaradamente didática se faz sentir na temática escolhida, na estrutura narrativa, na própria transmissão de princípios morais e de outras informações, ou ainda na eleição de personagens modelares. (ROSEMBERG, 1985, p.59).

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. (COELHO, 2000, p. 9).

Diante dessa conceituação da Literatura Infantil, esse gênero literário é um meio pelo qual o respectivo leitor aprende a desenvolver a criatividade, o senso crítico, a perceber através de determinadas situações princípios moralizantes, além de remeter a (re)afirmação de determinados valores culturais tidos como referência. Com isso, o leitor é direcionado a internalizar personagens modelos e estes podem estar apenas se referindo a uma determinada etnia. Desta forma, remete o/a leitor/a há uma hierarquização social a partir dessa criação de estereótipos para com determinados personagens nas narrativas.

Assim, ao se tratando da Literatura infantil, é relevante considerar que as crianças, seus leitores/as principais estão em uma fase importante na formação de sua personalidade; formação esta mediada pelo contato com as várias linguagens dos contextos onde vivem, entre essas linguagens destaca-se a linguagem literária. Na perspectiva apresentada buscou-se com este trabalho elucidar/refletir sobre as representações de personagens negros/as nas narrativas investigadas, como contributo para a compreensão do lugar da literatura infantil na formação para Educação para as Relações Étnico-raciais, perspectiva que aponta para a ampliação da possibilidade de uma sociedade mais equânime.

3. Conceitos e Identidade étnico-racial

Em relação às identidades, os autores Sodré (1999) e Hall (1999) afirmam que as identidades são construídas e reconstruídas socialmente; dinâmicas e múltiplas. Podem ser modificadas de acordo com os momentos e os fatos históricos.

Essa pesquisa centrou-se no referencial teórico que contempla os seguintes quesitos: Identidades; diversidade; Identidades Étnico-raciais Negras; Africanidades, Culturas Negras,

e Práticas escolares. Em relação às nomeações de “raça, racismo, discriminação racial” segundo Souza e Silvia (2007), o primeiro mostra-se importante para o combate ao racismo explica e afirma sua existência. “Também explica a trajetória de resistência e de produção de conhecimento de inúmeras pessoas e de organizações dos movimentos sociais e negros”. O segundo racismo é uma doutrina que defende a superioridade de certos grupos racistas e étnicos. “É um modo hierárquico de classificação dos seres humanos que os distingue com base nas propriedades físicas e nos marcos culturais”. Já o terceiro, “Discriminação racial é o preconceito materializado em ações e condutas que desqualificam e inferiorizam um grupo em detrimento de outro”.

Dentro dessa concepção, é relevante explicar que com as teorias racistas inventadas no século XIX na Europa e nos Estados Unidos como uma maneira de explicar as origens e características da sociedade foi aceita nos anos de 1870 e 1930. Essas teorias afirmavam que através da biologia as mesmas leis da natureza eram aplicadas na sociedade e que o fenótipo dos sujeitos poderia ser capaz de afirmar, ou negar se determinado indivíduo tinha capacidade intelectual, sendo expandida para outras civilizações do mundo. Assim, naquele período as pessoas passaram a ser classificada de acordo com os estágios civilizatórios. Nesse sentido a Europa era adiantada se comparada com os indígenas e africanos, recusando de certa maneira a diversidade. Segundo os autores,

Podemos dizer que foram basicamente quatro os argumentos da “ciência racial” que tiveram grande aceitação na sociedade brasileira daquele tempo: o primeiro, que havia raças diferentes entre os homens; segundo, que a “raça branca” era superior à “raça negra”, ou seja, os brancos eram biologicamente mais inclinados à civilização do que os negros; terceiro, que havia relação entre raça, características físicas, valores e comportamentos; e, ainda, que as raças estavam em constante evolução, portanto era possível que uma sociedade pudesse ir de um estágio menos desenvolvido para outro mais adiantado, sob certas condições. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p.320).

Essas teorias, embora secularmente contestadas ainda circulam seus efeitos no imaginário social, contribuindo para a reprodução das desigualdades a partir da discriminação e inferiorização dos grupos considerados pelas referidas teorias como inferiores, de acordo com seu conceito de civilização. O branqueamento visto como condição civilizatória, implementado sob a forma de política de imigração, mas alimentado na inculcação de que para se desenvolver precisa se branquear o país e para ser feliz no âmbito pessoal também se precisa se perseguir esse ideal. A ideologia do branqueamento e da mestiçagem como

estratégias de negociação das identidades passa a alimentar pensamento e imaginário social, conforme Munanga (1999), citado por Lima (2010, p. 6). Nesse sentido, as teorias racistas esperavam era que o branqueamento do país “corrigisse os defeitos dos negros e indígenas, considerados, nesse entender racista como inferiores”.

Para Lima (2008, p. 8), “nas africanidades se definem os repertórios culturais brasileiros que em sua origem, dispositivos de base ou (re)elaboração histórica remetem ou se relacionam com as ancestralidades africanas”. As identidades negras são dinamicamente forjadas a partir doselementos de raízes e produção africanas e afro-brasileiras presentes na cultura e na história brasileiras, no que as autoras definem como africanidades. (LIMA, 2006; LIMA; TRINDADE, 2009).

Desse modo, a partir dessas conceituações percebe-se o quanto é indispensável que a questão étnico-racial seja trabalhada/discutida em sala de aula para efeito de aprendizado e conhecimento.

Metodologia

Esse trabalho bibliográfico de caráter explicativo consistiu no determinado procedimento teórico-metodológico: 1) Levantamento do referencial teórico; 2) Seleção de duas obras infantis (dos anos: 2004, 2007 e 2009) tendo como suporte teórico a crítica literária; 3) Observação/análise dos discursos e imagens dos/das personagens negros/as nas narrativas literárias pesquisadas e 4) Mediante a análise das narrativas literárias, será inserida a discussão acerca das conclusões.

A amostra para esse estudo foi composta pelas obras infantis brasileiras: “As Tranças de Bintou” (2004), de Sylviane A. Diouf, “O Cabelo de Lelé” (2007), de Valéria Belém e “Betina” (2009), de Nilma Lino Gomes. Esse processo de categorização expõe a representação da população negra através dos discursos: verbal e não verbal. Com o intuito de explicar o quanto a Literatura Infantil pode contribuir para uma prática antirracista.

Análise das obras infantis e discussão

1. “As Tranças de Bintou” (2004), de Sylviane A. Diouf

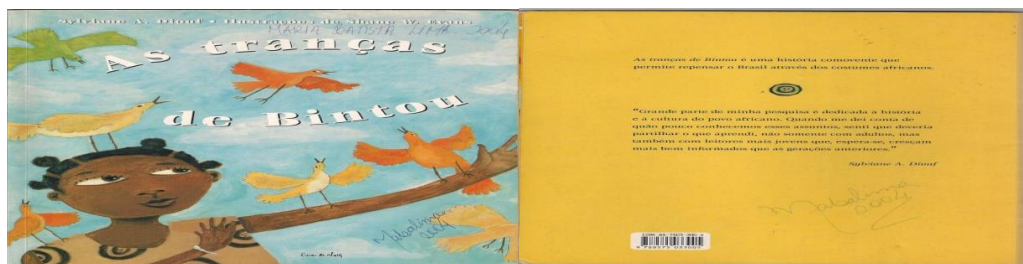


Figura 1: Imagem da capa
Fonte: Sylviane A. Diouf

Uma das amostras desse estudo é a obra “As Tranças de Bintou” (2004), de Sylviane A. Diouf, da editora São Paulo. Ele está organizado/estruturado da seguinte forma: o foco narrativo está em 1º pessoa; o texto segue uma sequência cronológica (começo, meio e fim); a única protagonista da narrativa é a própria Bintou, na esfera da narrativa aparecem personagens secundários e planos; quanto ao tempo é cronológico.

No que remete ao título desta narrativa, traz uma afirmativa positiva com relação à identidade negra “As tranças de Bintou” valorizando a identidade negra, a cultura e costumes africanos, pois se trata de um conto que trabalha a da representação positiva do ser negro a partir das imagens e dos discursos de valorização dos cabelos pelos personagens, além de trabalhar com a auto-estima da criança negra em especial a menina.

No início da narrativa a autora apresenta Bintou que não gostava da aparência do cabelo dela. Na seguinte passagem: “Meu nome é Bintou e meu sonho é ter tranças. Meu cabelo é curto e crespo. Meu cabelo é bobo e sem graça. Tido que tenho são quatro birotos na cabeça...”(DIOUF, 2004, p. 02).

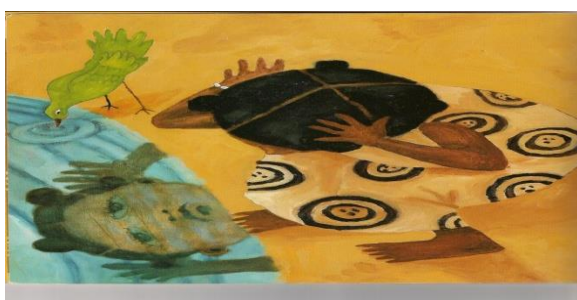


Figura 2: p. 05
Fonte: Sylviane A. Diouf

Esses traços que antes era desvalorizado/estereotipado pelos escritores, nessa respectiva obra são contemplados e relacionados a um tipo de beleza que, segundo o direcionamento da Revista *Devir Educação*, Lavras, vol.8, n.1, e-834, 2024.

obra somente é encontrado em pessoas negras. Se no início Bintou não gostava da aparência do cabelo, no decorrer da narrativa passa a gostar e admirá-lo, conforme pode se constatar na seguinte passagem: “Eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. O sol me segue e estou muito feliz” (DIOUF, 2004, p. 29 e 30).

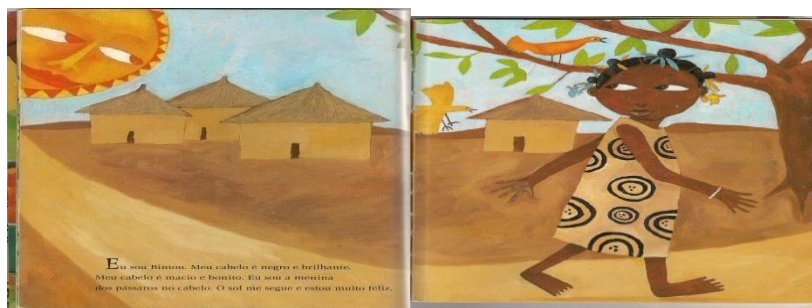


Figura 3: p. 07 e 08
Fonte: Sylviane A. Diouf

Com isso, percebe-se que a obra possibilita pensar que as etnias afro-brasileiras são, então, demarcadas pelas raízes históricas, socioculturais e políticas que marcam a formação populacional brasileira e pelas relações estabelecidas tanto nas suas ancestralidades distantes como nas vivências contemporâneas.

Ainda neste viés Gomes (2002) insere que “o cabelo e a cor da pele podem sair do lugar da inferioridade e ocupar o lugar da beleza negra, assumindo uma significação política”. Assim, é relevante insere as ilustrações abaixo em que a autora representa de várias maneiras o penteado de Bintou, valorizando assim a menina negra. Como é notório nas ilustrações no decorrer do livro.

Assim, a representação da pele e do cabelo da população negra estabelece de certa forma, padrões estéticos que valorizam a cultura e identidade negra, neste sentido Gomes (2002) afirma que:

O corpo evidencia diferentes padrões estéticos e percepções de mundo. Pinturas corporais, penteados, maquiagem adquirem, dentro de grupos culturais específicos, sentidos distintos para quem os adota e significados diferenciados de uma cultura para outra. (GOMES, 2002, p.43).

Com isso, é indispensável ressaltar que a autora não só aborda a questão da valorização do cabelo como fator de posituação da etnia negra, mas também o conto no insere no continente africano, que expõem recursos que direcionam o leitor a visualização da identidade negra e de nossas matrizes africanas. Nesse sentido, é apresentado através das

ilustrações abaixo: na aldeia, nas roupas da dela e da família, nos lenços, nos adereços, e na representação dos cabelos que trazem uma simbologia muito forte da cultura étnica africana.

Diante desta premissa, nesta obra a autora além de mostrar aspectos, cultura e costumes da África como foi citado acima, também mostra o quanto as personagens demonstram um sentimento de afetividade ao longo da narrativa, seja através de abraços ou de confraternização junto da família e de amigos (mãe, irmã, irmãos, vovó Soukeye, tia Awa, tia Ainda e Serigne Mansour), algo que era quase que impossível em obras do ano de 1975.



Figura 4: p. 10 e 11
Fonte: Sylviane A. Diouf

As ilustrações coloridas no decorrer da obra trazem uma caracterização da protagonista que encanta aos olhos e mostra uma família unida, a menina aparece com semblante de felicidade, não só o fenótipo da menina como de toda a família dela insere uma valorização a população negra, com traços que realmente trazem semelhanças com pessoas, o corpo não é animalizado através dessa representação.

Além do fenótipo, da cor da pele, a autora enfatiza a representação do cabelo como algo relacionado à identidade negra e nossas raízes africanas. As tranças tornam-se repertórios de valorização da identidade negra, pois através do cabelo pode-se representar um valor cultural. Desta forma, a autora Gomes (2002) afirma que: “O uso de tranças é uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África” (GOMES, 2002, p.44), colaborando para a valorização de uma estética que tem como base a história e cultura africana e afro-brasileira. Portanto, para o fortalecimento de uma educação antirracista ao potencializar o autoconceito e a autoestima das crianças negras e ajudar no combate da autonegação imposta às pessoas negras pela representação negativa dos seus repertórios identitários, seja na mídia, no material didático ou na Literatura infantil. Este fator pode

favorecer a equidade social. Esta categoria de valorização é corriqueira nas obras analisadas neste estudo.

2. "O Cabelo de Lelê" (2007), de Valéria Belém



Figura 5: Imagem da capa
Fonte: Valéria Belém

A obra literária infantil “O cabelo de Lelê”, de Valéria Belém, foi publicada no ano de 2007, pela editora: Nacional. Quanto à estruturação dessa narrativa é organizada da seguinte forma: o foco narrativo está em 3º pessoa; por um narrador onisciente neutro “ausência de instruções e comentários gerais ou mesmo sobre o comportamento das personagens, embora a sua presença, interpondo-se entre o leitor e a história, seja sempre muito clara”; o texto segue uma sequência cronológica (começo, meio e fim); a protagonista da narrativa é Lelê.

Na narrativa conta a história de Lelê que tinha o cabelo afro e não gostava dele e nem entendia “De onde vem tantos cachinhos?, a pergunta se mantém” (BELÉM, 2007, p. 03).

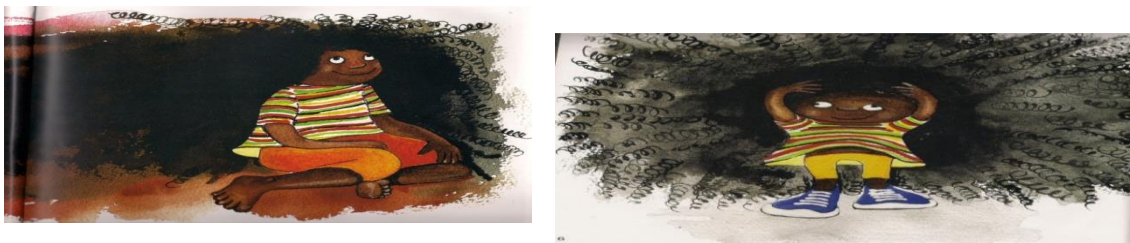


Figura 6: p. 06 e 11
Fonte: Valéria Belém

Os discursos presentes nessa referida obra estrategicamente trazem suporte para combater o preconceito e discriminação racial, através do desenrolar da trama dos questionamentos da protagonista, Lelê. Diante dessas premissas, consideramos a importância, não só da posituação do “eu” na constituição da auto-estima que motiva o desenvolvimento, mas da explicitação do “nós” a partir dos referenciais ancestrais afro-brasileiros positivos nos diversos âmbitos onde essa participação tem sido ocultada. (LIMA, 2003).

Diante desta inquietação de saber “De onde vem tantos cachinhos?, Lelê teve a idéia de buscar a resposta em um livro sobre a África, na seguinte passagem:

“Depois do Atlântico, a África chama e conta uma trama de sonhos e medos, de guerras e vidas e mortes no enredo, também de amor no enrolado cabelo. Puxado, armado, crescido, enfeitado, torcido, virado, batido, rodado. São tantos cabelos, tão lindos, tão belos” (BELÉM, 2007, p. 12).

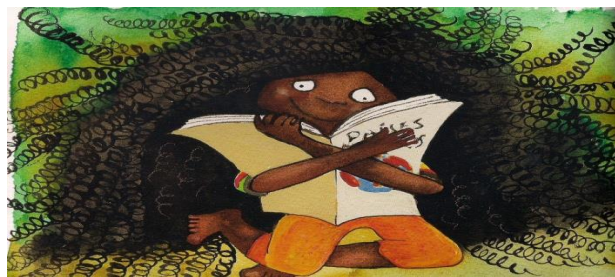


Figura 7: p. 06 e 11
Fonte: Valéria Belém

Desta forma, a protagonista descobre tinha cachinhos por causa da genética do avô. E a partir disto passa a gostar do cabelo, agora “Lelê gosta do vê! Vai a vida, vai ao vento. Brinca e solta o sentimento” (BELÉM, 2007, p. 18). Como pode ser percebido na ilustração abaixo:



Figura 8: p. 18 e 19

Fonte: Valéria Belém

Neste sentido, da valorização dos cabelos a autora citada afirma que “a manipulação do cabelo do negro e da negra, nessa perspectiva, pode ser vista como continuidade de elementos culturais africanos ressignificados no Brasil”. (GOMES, 2002, p.51).

Ainda neste viés Gomes (2002) “o cabelo e a cor da pele podem sair do lugar da inferioridade e ocupar o lugar da beleza negra, assumindo uma significação política”. Assim, é relevante inserir as ilustrações abaixo em que a autora representa de várias maneiras o penteado de Lelê, valorizando assim a menina negra. Como é notório nas ilustrações abaixo:



Figura 8: p. 17 e 20
Fonte: Valéria Belém

Não há um único estilo de aprender e significar o mundo. Porém, na perspectiva do alcance de um mundo mais humanizado e com menor desigualdade e exploração, faz-se necessário atentar para um processo de aquisição de conhecimento e formação de atitude respeitosa de reconhecimento da participação e contribuição dos afro-brasileiros na sociedade brasileira, o que requer que o preconceito e discriminação contra esse grupo sejam abolidos, que sentimento de superioridade e de inferioridade seja superado, que novas formas de pessoas negras e não negras se relacionarem sejam estabelecidas.

Para que isso se estabeleça, é importante o conhecimento da história para entendimento da gênese histórica dessas desigualdades, o que passa pelo entendimento da constituição histórica das relações etnicorraciais no Brasil. Nisso também reside a importância da educação no trabalho com as africanidades em sua multidimensionalidade, nos aspectos políticos, sócio-culturais, históricos e didático-pedagógicos.

3 Betina, de Nilma Lino Gomes (2009)



Figura 09: capa do livro
Fonte: Nilma Lino Gomes

A obra literária infantil “Betina” foi publicada no ano de 2009 pela editora Mazza. É organizado e estruturado da seguinte forma: o foco narrativo está em 3º pessoa; seguiu uma ordem cronológica e possui uma protagonista (Betina), duas personagens em segundo plano: a avó da menina e a mãe. O espaço em que ocorre a narrativa é desenvolvido na escola e no âmbito familiar que é representado pela avó e pela mãe, nesta passagem: “Ei vocês duas ! - gritava a mãe de Betina, lá de dentro de casa- Que gritaria é essa? !Não sei quem é mais criança nessa história! [...]” e figura matriarcal da obra. Na imagem abaixo:



Figura 10: p. 04 e 09
Fonte: Nilma Lino Gomes

Nesta obra a autora remete o leitor a visualizar um símbolo relevante para a identidade negra: a cor da pele e os cabelos, pois, tanto na capa, quanto no decorrer das imagens encontradas é recorrente a simbologia à identidade racial e de nossas matrizes africanas, características estas que (re)afirmam uma beleza que apenas é encontrada nas pessoas negras.

Desta forma, percebe-se que através dessa linguagem a autora expõe uma valorização da cor negra “como corpo social e linguagem; como veículo de expressão e símbolo de resistência cultural”. Nas ilustrações e no enunciado abaixo a autora insere um discurso que contempla a cultura negra no sentido de valorização a partir das tranças no cabelo e a afetividade desempenhada no decorrer da narrativa.

É relevante inserir que é a afetividade expressa no decorrer da obra, através de duas vertentes que são: as conversas entre avó e neta, a relação de harmonia e cumplicidade de ambas que fica exposto na passagem e nas ilustrações: “Enquanto trançava, avó e neta conversavam, cantavam e contavam história. Era tanta falação, tanta gargalhada que o tempo voava! E, no final, o resultado era um conjunto tão artisticamente realizado que mais parecia uma renda” (GOMES, 2009, p.6).



Figura 11: p. 06 e 10
Fonte: Nilma Lino Gomes

Neste sentido, a autora Gomes (2002) infere uma reafirmação de que não deve existir um padrão de beleza, pois, a partir da comparação de sinais da população negra com a população branca (europeu e colonizador) serviu de justificativa para uma padronização de beleza, que exclui os indivíduos negros/as atribuindo-lhes o conceito de feiúra, já que não estão dentro destes pré-requisitos. Na obra ver-se que tanto no enunciado quanto na ilustração orgulho em possuir o fenótipo negro: “Quando a avó terminava o penteado, Betina dava um pulo e corria para o espelho. Ela sempre gostava do que via. Do outro lado do espelho, sorria para ela uma menina negra, com olhos grandes e pretos como jabuticabas, um rosto redondo e bochechas salientes, cheia de trancinhas com bolinhas coloridas nas pontas [...]” (GOMES, 2009, p.8).



Figura 12: p. 07
Fonte: Nilma Lino Gomes

Outro quesito relevante na obra refere-se ao decorrer do tempo que transforma Betina “além de crescer, a nossa Betina-menina-trançadeira virou Betina-mulher-cabeleireira Ela
Revista *Devir Educação*, Lavras, vol.8, n.1, e-834, 2024.

montou um salão tinha algo especial: era um dos poucos na cidade que sabia pentear e trançar com muito charme e beleza os cabelos crespos.” (GOMES, 2009, p.18). Como mostra a ilustração abaixo.



Figura 13: p. 18
Fonte: Nilma Lino Gomes

Diante disto a autora Gomes (2002) no artigo Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? insere que:

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensa que tal processo inicia-se com o uso de produtos químicos ou com o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. (GOMES, 2002, p.4).

Neste sentido de valorização, a referida obra oferta ao leitor um sentido positivo quanto ao cabelo crespo através de penteados de origem africana, em uma simbologia estética que marca a identidade de um povo que sofreu com a escravidão e que mesmo tendo passado vários anos pós-escravidão ainda é forte o preconceito e a discriminação com relação à etnia negra. Além de remeter atenção para os ancestrais “[...] São pessoas que nasceram em antes de nós e já morreram. Algumas nasceram aqui mesmo no Brasil, e outras viviam numa terra bem longe, chamada África. Elas nos deixaram ensinamentos e muita história de luta [...]” (GOMES, 2009, p.14).

Assim, pode-se afirmar que houve uma valorização da identidade negra através da inserção de uma ancestralidade nas obras e dos elementos identitários (cabelos e cor da pele), tanto da menina quanto da avó, além da inserção da protagonista em um ambiente familiar

(ressaltando os ancestrais), pois ao inserir esses aspectos que anteriormente eram quase impossíveis ser trabalhados na literatura infantil, a autora fortalece esta etnia citada.

Considerações finais

Como se afirmou na introdução, este artigo estudo se desencadeou a partir da representação atribuída aos personagens negros na literatura infantil no Brasil, e teve como objeto de análise as obras “As Tranças de Bintou”, “O Cabelo de Lelê”, e “Betina”. Mediante os discursos das mesmas nota-se, entre outras coisas que na primeira obra: a) possui um discurso que contempla os traços da cultura negra de forma positiva, no sentido de reafirmar o fenótipo dessa etnia; b) contempla o leitor a cultivar o respeito à identidade racial e a cultura africana; e d) destaca-se que no enredo a vivência de uma família unida e feliz.

Quanto as obras: “O Cabelo de Lelê” e “Betina” percebe-se um discurso com o intuito de valorizar da população negra e de certa forma, a autora ressalta que as diferenças favorecem a construção/enriquecimento cultural e identitário da sociedade. Assim, os discursos presentes nessa referida obra estrategicamente trazem suporte para combater o preconceito e discriminação racial, através do da conclusão da protagonista de que o cabelo era herança do avô e a forma percebeu que o cabelo dela era lindo com os cachinhos.

Assim, nesse mundo encantado das histórias infantis, capaz de criar modelos e ditar valores culturais como padrões é indispensáveis que o/a professor/a no papel de mediado do conhecimento em sala de aula busque trabalhar com a diversidade, no sentido de mostrar que a padronização da estética não contempla a diversidade racial e que a valorização à etnia negra e africana mostra que as diferenças favorecem à construção/enriquecimento cultural e identitário da sociedade, rompendo padrões/modelos de protagonistas da Literatura infantil.

Portanto, a partir desta obra literária é possível trabalha em diálogo com uma educação antirracista e que contemple a inserção da Lei 10.639/2003, que atribui a todas as áreas do conhecimento a responsabilidade da inclusão da história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, especialmente nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História Brasileira (BRASIL, 2003).

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira. **Coleção Era uma Vez** (Contos de Grimm), edição para crianças com bibliografia de apoio para professores. Porto Alegre, Kuarup. In FANNY, Abramovich. *Literatura Infantil: Gostosas e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.
- BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: Ed. Companhia Nacional, 2007.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília-DF: CNE, 2004.
- BRASIL. **Lei 10.639/2003**. Brasília: Presidência da República, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira**. São Paulo: Quíron, 1983.
- COELHO, Nelly Novaes. **Integração luso-afro-brasileira de literatura infantil e juvenil**. São Paulo, v.7, n.78, p.14, nov. 1988.
- COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil: história, teoria, análise**. 4ª ed. SP: Quíron, 1987.
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira**. São Paulo: Quíron, 2ª ed., 1984.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. SP: Moderna, 2000.
- DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou**. Ilustração: Shane Evans. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2004.
- GOMES, Nilma Lino. **Betina**. Belo Horizonte: Mazza. Edições, 2009.
- GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?** Scielo, v.21, p.40168, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. RJ: DP&A, 1999.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil no Brasil: história & histórias**. São Paulo: Ática, 2004.
- JOVINO, Ione da Silva. **Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. **Práticas cotidianas e identidades étnicas: um estudo no contexto escolar**. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2006. (Tese de doutoramento)
- LIMA, Heloisa Pires. **Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil**. In: MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o racismo na escola**. 3.ed. Brasília-DF: MEC, 2001.

OLIVEIRA, Maria Anória. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979 – 1989**. 2001. (Mestrado em Educação), UNEB, Salvador, 2003.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura Infantil e Ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

RANGEL, M. (org.). **Diversidade, diferença e multiculturalismo**. Niterói: Intertexto, 2011

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Pedagogia da Diferença: a tradição oral africana como subsídio para a prática pedagógica brasileira**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009

SCHREIBER, M. R. **As minorias étnicas na literatura infanto-juvenil Brasileira**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia/UFMG, 1975.

Recebido: dezembro/2023.

Publicado: janeiro/2024.